

CONFIGURAÇÃO DO INSÓLITO EM “OS OLHOS”, DE AGNALDO RODRIGUES DA SILVA

*UNUSUAL CONFIGURATION
IN “OS OLHOS”, BY AGNALDO
RODRIGUES DA SILVA*

Wellington Oliveira de Souza¹
(UNEMAT)
Helvio Gomes Moraes Junior²
(UNEMAT)

RESUMO: Propomos uma leitura do conto “Os olhos”, do escritor Agnaldo Rodrigues da Silva, a fim de destacar e discutir algumas características e estratégias configuradoras do insólito,

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT- Campus Universitário de Tangará da Serra. Bolsista CAPES. E-mail: wellington.os17@gmail.com

² Professor e pesquisador da UNEMAT, Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, credenciado no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da UNEMAT, campus de Tangará da Serra. E-mail: helviomoraes01@gmail.com

elemento que, nesse texto, permite-nos refletir sobre problemáticas inerentes ao homem.

PALAVRAS-CHAVE: Insólito; Fantástico; *Mente insana*; Os olhos; Agnaldo Rodrigues da Silva.

ABSTRACT: We propose a reading of the short story “Os olhos”, by the writer Agnaldo Rodrigues da Silva, in order to show and discuss some characteristics and configurations of the unusual, an element that, in this text, allows us to reflect about problems inherent to man.

KEYWORDS: Unusual; Fantastic; *Mente insana*; Os olhos; Agnaldo Rodrigues da Silva.

Os olhos” integra o livro de contos *Mente insana* (2008), do escritor mato-grossense Agnaldo Rodrigues da Silva. Nesse livro, experimentamos uma gama de textos cujas temáticas se inscrevem no universo onírico, que revela o fantástico e seu desdobramento, fazendo com que os leitores entrem em contato com o que é incomum ao mesmo tempo em que a narrativa descortina problemáticas humanas e reforça a íntima relação entre a literatura e o homem.

A tessitura ficcional do conto “Os olhos” é construída em primeira pessoa por uma narradora-personagem não nomeada, que discorre sobre alguns acontecimentos incomuns vividos por ela a partir do momento em que ela se vê refém dos seus olhos, estes a incomodam a ponto de se mostrarem responsáveis pela propagação dos eventos em sua vida. Tudo isso é construído e revelado conforme o foco narrativo em primeira pessoa, ponto fundamental que torna a narração parcial, limitada³, o que nos impulsiona a questionar os eventos insólitos. Assim, podemos dizer que a narração descortina uma personagem que ainda se encontra em constante estranhamento consigo mesma à medida em que narra o acontecido.



O conto em estudo se inscreve no gênero fantástico, este que revela o insólito e o torna cada vez mais pulsante no texto. Trata-se de uma narrativa que ao se apresentar fantástica revela-se através de um jogo em que o verossímil e o inverossímil entrelaçam-se. Para Todorov, “o conceito de fantástico se define pois com relação aos de real e de imaginário” (TODOROV, 2010, p. 31), o que nos ajuda a compreender o texto de Silva, visto que em “Os olhos” o jogo entre real e irreal é marcante e ultrapassa qualquer explicação racional.

Desde Todorov, os estudos acerca dessas categorias como gênero vem crescendo e ganhando dimensões que se encontram e se repelem, o que é natural, pois isso nos mostra que elas se configuram conforme o tempo e o espaço em que estão inseridas e são lidas, isto é, acompanham as transformações sociais. Partindo da ideia de que “as narrativas de ficção são uma ferramenta da mente humana para modificar a realidade, ainda que ilusoriamente, de acordo com seus interesses sociocognitivos” (PIERINI, 2017, p. 21), podemos dizer que o texto “Os olhos” nos direciona à compreensão do insólito como resultado da oscilação entre real e imaginário, resultando, assim, em questionamentos sobre a própria realidade da personagem e também do autor, que recorre a elementos não miméticos para tornar seu discurso mais eficiente.

O que entendemos por insólito é a recorrência ao não mimético, isto é, àquilo que em um primeiro momento parece escapar à realidade empírica de personagens e leitores. Isso quer dizer que os eventos apresentados no texto geram estranhamento através da presença de acontecimentos que parecem não existir na realidade humana, havendo, assim, a transgressão da lei natural que rege a vida, isso é fulcral para a propagação do sobrenatural, não como algo distante, mas vivo, próximo e necessário. O resultado disso é um exercício ao afastamento da própria realidade, tornando o texto um movimento entre equilíbrios (fantasiosos e reais) que, em um primeiro momento, parecem se distanciar, porém essa relação expõe e instaura questionamentos inerentes ao homem. Construir um texto

com o que é considerado estranho, incomum para uma determinada sociedade, revela o reflexo do ser humano à medida em que obriga o leitor a estranhar o que lhe é familiar. O efeito é, por assim dizer, o ponto medular no insólito.

Ao adentrarmos na narrativa em estudo, podemos dizer que seu enigma centra-se nos olhos, ponto chave e configurador do fantástico e do insólito. Vejamos o parágrafo que abre o texto:

Senti uma forte dor nos olhos. Passei o dedo no olho esquerdo e retirei do canto uma gota de sangue. **Corri** ao banheiro, olhei no espelho e vi meus olhos vermelhos. Eles queimavam como fogo. **Lavei-os** com água e quando voltei a fitá-los, estavam amarelos. Empenhei-me no ato contínuo de lavagem e **a cada momento em que passava água límpida meus olhos tomavam uma tonalidade diferente: branco, roxo, rosa, marrom, cinza, azul, verde, negro**. Olhos negros com pupilas vermelhas! As minhas pupilas estavam dilatadas e pouco a pouco fui percebendo que os meus olhos estavam bebendo água. **Toda água que eu levava até aos olhos para lavá-los era sugada por um desejo incontrolável** (SILVA, 2008, p. 47, grifo nosso).

A narração é iniciada de forma abrupta, pois não sabemos onde, de fato, a narradora-personagem estava quando tudo iniciou, só sabemos que o espaço do banheiro é o lugar onde tudo aconteceu. Pela conjugação do verbo no pretérito perfeito (Senti, corri, lavei, etc), podemos localizar o fato narrado no tempo passado, que não sabemos precisar se é ou não longínquo. Em meio a esse distanciamento, a característica principal do fragmento apresentado configura-se sob o signo do estranhamento, uma vez que a forma como é iniciado, por meio de uma sentença direta, lança-nos exatamente para o momento incompreendido por ela (“Senti uma forte dor nos olhos”) e torna-o certo, porém ausente de contextos que possibilitem significados completos ao propósito de quem conta.

Ao discorrer sobre fatos pretéritos, a narração descortina e coloca em cena o papel da memória, que consideramos como o

primeiro elemento configurador do insólito no texto de Silva. Isso nos faz dialogar com o que Flavio García aponta, ao discorrer sobre os textos vinculáveis ao insólito ficcional que, para ele, “tendem a ser narrados por narradores intradieгéticos, quer dizer, por narradores que são personagens da história contada, que estão implicados nas ações da narrativa, seja como personagem principal – narrador autodieгético, que conta sua própria história, o que lhe aconteceu (GARCÍA, 2009, p. 3).

Lembremos que a presença da primeira pessoa em uma narração é questionável, uma vez que o que temos é apenas o seu ponto de vista. Todavia, essa escolha do autor ajuda na configuração do que é pretendido no texto e isso demarca a problemática inerente a verdade, o que estilhaça a própria narrativa. Por outro lado, isso se torna fundamental na construção do insólito, que sempre se mantém na fronteira do que é e do que não é real, logo a voz em primeira pessoa torna-se uma estratégia narrativa que auxilia na configuração e propagação do incomum. Acreditamos que isso estabelece a correlação comunicativa entre emissor e receptor, o que de certa forma dá ênfase ao assunto emergido pela personagem.

Desta forma, podemos dizer que o texto em estudo é uma narrativa memorialística que transita entre dois tempos, mostrando que “a narração, como ato, se desdobra temporariamente” (NUNES, 2003, p. 14). Temos o plano da enunciação e o plano do enunciado, que revelam perfis de uma mesma personagem em dois momentos: no passado, período em que estava conturbada com o ocorrido, e no presente (ao narrar), momento em que ainda se encontra inquieta, mas disposta a reviver e percorrer aquele tempo da história, afinal tudo veio à tona e ela não dá mais conta de recalcar isso. Nesse sentido, consideramos o presente da narração como uma tentativa de reconstrução, compreensão e interpretação dos momentos vividos, em que os acontecimentos ocorridos figuram como causa e a narrativa, ora construída, como efeito. Vale ressaltar que o tempo físico é irreversível, pois tem uma

direção, logo o tempo vivido também é irreversível (*Ibidem*, p. 19). Assim, essa narrativa, que se inscreve no âmbito memorialístico, pode ser vista como resistência ao que a personagem não consegue compreender ou esquecer. Por quê?

Ao explorarmos ainda mais o excerto acima, percebemos a presença de algo incomum, nascendo a partir de algo comum, uma vez que sentir dor nos olhos e neles haver sangramento é totalmente verossímil; presenciemos o entrelaçamento do familiar e do não familiar. Esse incomum já revelado manifesta-se em dois momentos: quando os olhos mudam de cor e quando eles passam a beber toda a água. Como sabemos, as cores amarela, roxa, rosa, marrom e cinza não são naturais aos olhos humanos⁴; nem é comum a forma como eles mudam de tonalidade, aspecto que inscreve o texto no gênero fantástico e revela o insólito, que respaldam a existência de tais propagações. Isso é realçado quando, logo em seguida, a narradora-personagem diz sobre o modo como os seus olhos “bebem” aquela água. É nesse sentido que mais uma vez concordamos com Todorov (2010) ao afirmar que o fantástico ocorre na incerteza, que passa a ser experimentada pela testemunha (o leitor) do que está sendo narrado. Essa incerteza, perfeitamente ligada à narração em primeira pessoa, provoca uma certa análise das coisas, uma vez que o texto reúne dados contrários uns aos outros no plano narrativo, supondo, assim, uma lógica narrativa que é formal (a própria construção do texto) e temática (o que o texto nos conta), capaz de metamorfosear, cultivar e evocar questões culturais que são colocadas em diálogo com o incomum.

Ao continuarmos sublinhando o diálogo entre fantástico e insólito, podemos destacar, após o parágrafo que abre a narrativa, que é possível identificar a presença da “hesitação”, ponto central da teoria desenvolvida por Todorov em sua *Introdução à Literatura Fantástica* (2010). É o momento em que a personagem se manifesta em relação ao que está acontecendo: “Meus olhos deveriam liberar água e não sugá-la” (SILVA, 2008, p. 47), pensou aflita. Todorov

(2010, p. 36) afirma que a hesitação dá vida ao fantástico, este que nos coloca diante do dilema de acreditar ou não (*Ibidem*, p. 92). Assim, “tendo em vista que a hesitação do leitor é pois a primeira condição do fantástico” (TODOROV, 2010, p. 37), o leitor a realiza desde o início do conto de Silva, que o obriga a estabelecer uma maneira de ler o texto ora apresentado a ele. Esse conceito nos ajuda a perceber personagens e leitores, questionando algum acontecimento sobrenatural, mas que, além disso, provoca em ambos um certo incômodo diante do que vivenciam. Esse é o momento de confronto com as leis naturais que regem suas vidas e que, para nós, abre caminho para compreendermos questões que subjazem a esse momento. A hesitação provoca questionamento, obrigando personagens e leitores a assumirem uma postura crítica diante das alteridades que revelam a realidade do leitor em contato com a realidade da narradora-personagem.

Ainda baseados em Todorov, quando este fala sobre a hesitação, destacamos um outro momento da narrativa, quando a personagem está no apartamento da amiga, mais especificamente quando ela percebe que o colar de pérolas, ora desejado, havia sumido repentinamente. E ela diz: “Meu Deus, o que houve? Estou sozinha nesta sala. Este colar não poderia ter desaparecido” (SILVA, 2008, p. 48), o que reforça a necessidade do leitor em estranhar tudo aquilo. Em seguida, procurou o objeto por toda a sala, mas não o encontrou: “mas eu sentia aquele colar próximo de mim, parecia que estava colado na minha pele, como se eu estivesse vendo, mas não pudesse identificar o lugar exato em que ele se encontrava” (*Ibidem*). A ambiguidade que a faz hesitar diante do desconhecido desvenda e confere ao texto uma incerteza diante do estranhamento do que de fato poderia ter acontecido, porém, mais do que isso, o texto começa a revelar uma personagem totalmente confusa com tudo aquilo. Após esse momento, correu para o quarto em busca de um espelho para verificar como seus olhos estavam, afinal eles ardiem intensamente depois que ela olhou para o colar misterioso: “aproximei-me e fitei minha imagem e nos meus olhos vi o colar”

(*Ibidem*, p. 49). Confusa, saiu desesperada até parar no banco de uma praça, onde encontrou um espelho velho e trincado no chão; ao se olhar nele, visualizou novamente o colar em seu olho.

Tais acontecimentos realçam o insólito, elemento que passa a figurar de forma autônoma⁵, mostrando que a narração memorialística construída no texto funda o insólito como percepção que se estende ao interlocutor. Desta forma, o pacto com o leitor parece ser algo buscado, pois a voz enunciativa percorre linearmente o que aconteceu com ela até o auge do insólito, quando se sentiu presa no caixão, à fim de buscar significados por meio do ato memorialístico. Pensando nessa ideia de percepção, o leitor se torna elemento importante na reconstrução do que é exposto pela narradora, não cabendo a ele apenas hesitar diante dos fatos ocorridos, mas experimentá-los, vivenciá-los. Vale ressaltar que a presença do elemento insólito é sugerida desde o início ao leitor, o que é perfeitamente presente nas questões delineadas até aqui, pois, como vimos, o parágrafo que abre a narrativa “Os olhos” configura-se em uma íntima relação com o extraordinário, este que já é anunciado e passa a rogar uma interpretação que o aceite.

Ao entendermos que a narrativa é construída como uma grande *analepse*, faz-se pertinente discorrer sobre uma afirmação mais pontual em relação ao insólito. Sobre isso, Flávio García afirma que

[...] os eventos insólitos seriam aqueles que não são freqüentes de acontecer, são raros, pouco costumeiros, inabituais, inusuais, incomuns, anormais, contrariam o uso, os costumes, as regras e as tradições, enfim, surpreendem ou decepcionam o senso comum, às expectativas quotidianas correspondentes a dada cultura, a dado momento, a dada e específica experiência da realidade (GARCIA, 2007, p. 19).

Isso nos faz afirmar que há uma certa ideia de distanciamento no que é considerado incomum, ou seja, por ser um evento raro, infrequente, é como se ele estivesse localizado em um outro

universo, mas sempre conectado com este outro lado, revelando, assim, um certo distanciamento que, à primeira vista, parece não permitir diálogo; é como se cada mundo existisse em seu lugar. Entretanto, o evento insólito é recuperado pelo autor exatamente para estabelecer diálogo com o seu próprio mundo, o qual é familiar ao leitor. Isso é trazido para o texto exatamente para que questões sejam levantadas e enxergadas de um outro panorama, a fim de revelar o próprio mundo, o que nem sempre é fácil, pois olhar para nós mesmos é aventurar-se em um mar que nos afoga constantemente.

Como vimos, o que é considerado como não mimético se torna ingrediente basilar na configuração do insólito, este que coloca em cena coisas que são vistas como alheias ao pensamento de uma sociedade. Acerca disso, pode-se dizer que a forma como uma cultura é constituída se dá conforme a organização e necessidades sociais, e isso configura dentro dessa sociedade características, pensamentos, correntes ideológicas, que figuram dentro desse social, o que diferencia de outras sociedades. Assim, cria-se realidades distintas, isto é, cada sociedade apresenta seu sistema de regras, orientações, e é em meio a isso que se começa a considerar o que é certo e errado, normal e anormal, comum e incomum, aceitável e inaceitável. Isso dialoga com o texto “Construção de realidades e percepção do insólito”, de Daniela Beccaccia Versiani, que afirma que “a realidade cotidiana é constituída consensualmente por grupos de indivíduos socialmente pertencentes a um sistema sociocultural partilhado, no qual há inclusive espaço para a realidade onírica, que é percebida e separada com desenvoltura da realidade cotidiana pelos indivíduos” (2008, p. 8). O que nos chama atenção é a forma como os grupos sociais se constroem dentro de um sistema sociocultural partilhado, pois isso nos faz refletir sobre a maneira como as questões sociais consolidam-se conforme a aceitação do coletivo, isto é, os sentidos são construídos conforme suas necessidades dentro de uma sociedade, formando, assim, o comum a todos.

Desta forma, o insólito parece se desenvolver em uma árdua tarefa de dar voz ao que está oculto, só que não para mostrar um extraordinário distante, mas sim o que insistimos em não enxergar. Com isso, notamos que não há afastamento do mundo real, pois os acontecimentos extraordinários se dão em um mundo cuja estrutura é perfeitamente reconhecida e pertencente ao mundo do leitor. A *mimesis*, aqui, não se faz conforme as orientações empíricas de um todo, em que as coisas ocorrem naturalmente, pois os acontecimentos são alheios à ideia de verdade instaurada no mundo. É a partir disso que o insólito passa a figurar em “Os olhos”, em que o jorro memorialístico entra em cena para recuperar, atualizar e tornar viva, novamente, a experiência passada, descortinando, portanto, uma personagem totalmente emblemática.

Lembremos a sua confusão psíquica quando vivenciou os acontecimentos que são revelados na mesma ordem de sucessão em que os fatos aconteceram, tudo isso para que o leitor também os perceba. Destacamos o momento quando a personagem, após sentir dor nos olhos, correu para a casa da amiga, onde, ao ver um colar de pérolas e perceber que ele sumira de repente, sentiu uma dor ainda mais intensa. Correu para o quarto da amiga à procura de um espelho para verificar como os olhos estavam: “Eles ardiam mais intensamente depois que olhei para aquele colar misterioso. De longe percebi que havia um espelho na porta do guarda-roupa. Aproximei-me e fitei minha imagem e nos meus olhos vi o colar. Saiu um grito rouco e doído de minha garganta (SILVA, 2008, p. 49).

Desespero, angústia e espanto com a falta de respostas descortinam a imagem de um ser perturbado que anseia compreender as coisas. Esse momento faz com que o seu interlocutor também sinta tais sentimentos, afinal se vê diante de mais uma manifestação de acontecimentos alheios, incomuns, advindos dos misteriosos olhos. À medida em que narra, percebemos que o desejo é realizado por meio de seus olhos, que atraem para si todas as coisas que ela cobiça. Parece um tanto absurdo a figuração deles, no entanto os



acontecimentos insólitos são percebidos pelo interlocutor na mesma proporção do tempo vivenciado por ela. Acerca disso, García afirma que “a recepção do insólito está, a princípio, condicionada à sua constituição na narrativa, ou seja, depende dos recursos de linguagem utilizados pelo autor na emissão do discurso” (2008, p. 11). Assim, a narradora-personagem não quer contar a sua possível conclusão acerca daqueles eventos, afinal ela não tem essa compreensão, mas ao percorrê-los novamente, na companhia do interlocutor, ela constrói uma narrativa tal qual descreve García:

A leitura literária do insólito não é imune a essa relação sistêmica e orgânica, em que interagem e interferem diferentes e diversos recursos narrativos, da ordem do discurso ficcional, produzindo, no leitor, a sensação de estar travando contato com o sobrenatural, extraordinário, irreal, surreal, absurdo, estranho, inusitado, incomum, inusual, inaudito, inesperado, fantástico, maravilhoso... decepcionante, horripilante, aterrorizante, que provoca medo (GARCÍA, 2009, p. 2).

Ao defendermos o insólito como percepção, notamos que a figura do leitor é crucial no texto, uma vez que os eventos extraordinários constituintes do insólito ficcional precisam ser percebidos, experimentados. A percepção no tempo presente da personagem sobre o pretérito movimenta-se no plano da enunciação ao mesmo tempo em que a noção do leitor é moldada. É nesse sentido que a ideia de percepção intensifica-se ainda mais como elemento configurador do insólito, uma vez que a voz enunciativa do texto de Silva quer que o interlocutor experimente os acontecimentos incomuns. É claro que a sua percepção será diferente da de quem conta (este que experimenta, através da memória, novamente o ocorrido). O leitor é levado a apreender a estranheza das coisas familiares ou até a familiaridade das coisas estranhas. Isso é constituído à medida em que a narrativa é construída. Lembremos do momento em que a personagem, ao sair desesperada da casa de sua amiga, chegou até uma praça, onde

se sentou em um banco. Ao visualizar um espelho sujo e trincado, que estava no chão, pegou-o:

Voltei a contemplar os meus olhos e lá estava o colar. O colar estava no meu olho esquerdo. Lá dentro. Brilhava, cintilava e o meu **coração sentiu-se contente. Mas o olho direito lançou um olhar duro, como se eu tivesse cometido um crime audaz, sem perdão.** Li aquele olhar e ele nitidamente dizia que eu havia roubado aquela jóia, que aquilo não me pertencia. **Um olho era totalmente diferente do outro! Um estava perolado, outro totalmente esbranquiçado** (SILVA, 2008, p. 49, grifo nosso).

Percebemos que repetidamente, até aqui, ela contempla seus olhos diante de um espelho. É como se a todo momento precisasse olhar para dentro de si para que pudesse compreender o que estava acontecendo, mas ela não obtém resposta. É interessante destacar que não é insólita a condição de cobiçar as coisas na situação em que ela se encontrava, mas sim o papel que seus olhos assumem nela e na narrativa. Eles concretizam tudo aquilo que ela ambiciona ter: “O que eu desejava meu olho engolia: jóias, roupas, sapatos, carros, eletrodomésticos, comida [...]” (*Ibidem*, p. 50, 51). Percebemos que ela, ao sentir que seu coração fica contente com aquilo, começa, a partir desse momento, a não mais estranhar nem negar os eventos insólitos, que passam a se naturalizar ainda mais na personagem e no texto. Todavia, essa naturalização não cancela a ideia do extraordinário, pois o insólito configura-se no jogo entre o verossímil e o inverossímil. Deste modo, o universo da personagem permanece com sua estrutura totalmente plausível e condizente com a do leitor, este que passa a encarar os fatos insólitos como se eles tivessem acontecido com alguém real, exemplo disso é quando a personagem observa o relógio no braço do velho que passava. Logo em seguida, o senhor é atropelado⁶. Ao olhar para o cadáver e perceber que se tratava do senhor que acabara de ver, ela nos diz: Olhei para o braço dele e o relógio havia desaparecido. Tirei o

espelhinho do bolso e olhei nos fundos de meus olhos: de fato, assim como o colar, o relógio também estava lá e eu quase pulei de alegria. (SILVA, 2008, p. 50). A partir desse momento, a narração mostra a compreensão da personagem do poder de seu olho: “Compreendi que podia ter tudo. Arrancaria tudo o que me pudesse interessar das pessoas, bastava eu olhar, desejar e qualquer coisa poderia ser minha. O meu olho era grande, enorme, cabia de tudo ali dentro” (*Ibidem*).

Não é um mundo estranho com seres estranhos, pois o lugar, a praça, o atropelamento, as pessoas, tudo isso é verossímil ao leitor, tudo é construído na relação estabelecida com a verossimilhança externa, pois são elementos já sedimentados na realidade do receptor. Em meio a isso, vale destacar que até esse momento da narrativa, ela hesita em relação a sua situação perante os eventos ocorridos. A partir daí, compreender o poder do seu olho significa aceitar a presença do sobrenatural em sua vida. Essa compreensão revela a sua predisposição em aceitar o que até então era alheio, e isso se mostra através das afirmações “o olho era grande”, “tudo cabia ali dentro” e, sobretudo, em “Compreendi que podia ter tudo”. Isso nos joga ao tempo presente da enunciação, fazendo-nos querer saber como ela está no exato momento de sua narração. Será que seu olho ainda é grande? Ele ainda engole as coisas? Até quando aquilo pareceu natural a ela? Talvez ela, também, esteja à procura de respostas para essas questões. Percebemos, assim, que a partir do momento da compreensão, a personagem cresce na narrativa, sempre querendo mais, entretanto sem nenhuma preocupação com os outros, afinal a única coisa que a incomodava era a “dor imensa” que ela sentia. Todavia, parece que seus olhos eram limitados em relação à realização de suas vontades, como quando ela desejou ser uma das pessoas de um casal feliz que tinha visto enquanto voltava para casa, mas nada aconteceu e seu coração se encheu de ódio e rancor: “Nunca amei ninguém e nunca fui amada com tanta intensidade. Uma lágrima brotou de meu olho esquerdo já bastante cansado de engolir as

coisas que eu desejava e de sofrer dores. Limpei a lágrima. Estava cristalina, não era mais da cor de sangue (SILVA, 2008, p. 51).

Podemos dizer que a aceitação do sobrenatural, para ela, se tornou uma chance de conseguir o que sentia falta, um amor intenso. É como se todas as suas experiências tivessem sido rasas, mas, diante da frustração de não conseguir realizar isso, afoga-se em seu ódio e rancor. Assim, ela nos diz: “Corri para casa chorando. Meu coração gritava de dor e revolta. Toda água que meu olho havia engolido quando eu o lavei antes de sair de casa, agora estava sendo expurgada” (*Ibidem*). A forma como a personagem fica após não conseguir fazer parte da relação do casal é identificável pelo leitor, mas essa identificação ou compreensão é logo complementada ou trincada pela presença do evento insólito, mais especificamente quando, a personagem chega em casa e corre até a máquina de costura para pegar um alfinete, pois estava decidida a furar o seu olho esquerdo até que ele “chorasse sangue novamente” (SILVA, 2008, p. 52), assim ela narra: “Contemplei o olho amaldiçoado e ele estava azul da cor do céu, como se dentro dele houvesse vários oceanos, mares, rios, lagos. Gritando comecei a alfinetá-lo. Alfinetava, alfinetava e alfinetava” (*Ibidem*). Logo percebeu que só tinha um olho: o direito.

Repentinamente, senti que **aquele olho sedento começava a me puxar para o interior do espelho**. Segurei na pia de rosto, mas não resisti. Aquele olho que mais parecia um ímã queria sugar tudo o que era meu: primeiro entrou a cabeça, depois o corpo todo. **Eu estava dentro do espelho! Presa no espelho!**

Percebendo que eu estava nua, sem roupas, sem sapatos, nem jóias, olhei para fora do espelho. Tudo estava do lado de fora, caído no chão, espalhado. Não tinham mais utilidade para mim, pois eu não podia mais usá-los. **A porta do banheiro fechou e muitos anos se foram** (*Ibidem*, p. 50, grifo nosso).

Se no início da narrativa não conseguimos indicar se os eventos aconteceram em um passado longínquo ou não, é apenas no trecho

acima que é possível identificar isso: “muitos anos”. É nesse sentido que o tempo figura de forma basilar e essencial no texto, tornando a narrativa espaço de reconstrução de significados inerentes à experiência vivida. Em meio a isso, o excerto acima realça a figuração do espelho, objeto simbólico e recorrente na narrativa desde o início, que se dá em concordância com a figuração do olho direito. O diálogo estabelecido entre esses dois pontos demarca uma certa ideia de duplicação do “eu”⁷ da narradora-personagem. Vejamos:

Um dia a porta foi aberta e entrou uma menininha. Olhou no espelho. **Não me viu. Ela parecia tanto comigo, quando eu tinha essa tenra idade.** Era uma semelhança gritante. Saiu, bateu a porta e não voltou mais.

Depois entrou uma jovem. Fitou o espelho, desconfiou que alguém estava escondido dentro dele, mas nada fez, virou-se e foi embora. **A semelhança acentuava-se cada vez mais entre eu e quem fitava o espelho.**

Uma senhora muito distinta entrou, pisou no colar que estava no chão, olhou para o relógio de pulso, observou tudo que estava a sua volta. Nada disse, apenas sorriu. O sorriso era para mim. Olhou-se no espelho, passou batom, sempre me olhando. Quis pedir a ela que me ajudasse, mas não tive coragem. Então, foi embora, como se eu fosse o símbolo da insignificância. **Eu havia agido assim ao longo de toda a minha vida. Senti que no fim das contas eu poderia ser o reflexo daquela senhora. Será? Essa dúvida permaneceu por anos** (*Ibidem*, p. 53 e 54, grifo nosso).

A presença do espelho sugere uma possível duplicação do ser, conseqüentemente o tema do duplo, elemento que reforça a ambivalência na personagem, uma vez que “o duplo é, por conseguinte, uma espécie de *mimesis* do sujeito” (JOTA, 2017, p. 142), um segundo “eu” que estabelece o jogo entre o eu e o outro, que pode se manifestar através da oposição, da semelhança, mas que de certa forma se complementam. O tema do duplo encontra eco nos questionamentos sobre a própria vida, em especial a famosa

pergunta “Quem sou eu?”. A própria literatura é em si dupla, pois os signos linguísticos reconstróem artisticamente o real, apresentando-o em uma nova forma. Na literatura, o espelho, a sombra, o retrato, o sócia, aparecem como elementos configuradores do duplo, este que se mostra responsável por causar o desdobramento do eu, o que vem sendo estudado ao longo dos anos por vários estudiosos, como é o caso de Sigmund Freud, com o seu texto *O inquietante*, de 1919.

Em uma tentativa de compreender o que é o inquietante como aparato estético, Freud utiliza a literatura para pensar sua proposta a partir de todo o seu referencial teórico advindo de seu lugar de fala. Ele começa o seu texto discorrendo sobre a raridade do profissional psicanalista em enveredar-se pelas investigações estéticas, mas essas intervenções psicanalistas, para ele, justificam a abordagem de temas obscuros, como é o caso da obra de arte, que é capaz de provocar sentimentos inquietantes em seus receptores, proporcionando uma experiência sedutora e atrativa, mas que, por outro lado, também aterroriza, inquieta. Para desenvolver isso, reflete, na primeira parte de seu texto, sobre a etimologia dos termos *heimlich* (familiar) e *unheimlich* (pode ser traduzida como inquietante, infamiliar, estranho).

O autor observa esses termos em diferentes idiomas (latim, grego, espanhol, francês, inglês) e percebe que “*heimlich* não é unívoco, mas pertence a dois grupos de ideias que, não sendo opostos, são alheios um ao outro: o do que é familiar, aconchegado, e do que é escondido, mantido oculto. *Unheimlich* seria normalmente usado como antônimo do primeiro significado, não do segundo” (FREUD, 2010, p. 338). O que nos chama atenção é que esse último termo “seria tudo o que deveria permanecer secreto, oculto, mas apareceu” (*Ibidem*), mostrando que o que está oculto nunca é estranho, está conectado com quem sempre buscou esconder.

O seu estudo mostra que aquilo que é estranho é, na verdade, o que recalamos, aquilo que de repente volta à tona para nos

inquietar, chamando nossa atenção. Para compreender essa relação que causa os sentimentos citados, o psicanalista propõe pensá-la a partir de dois caminhos: explorar o significado que a evolução da língua atribuiu na palavra, ou, em segundo lugar, reunir tudo o que desperta em nós o sentimento do inquietante. Freud propõe isso, mas deixa claro que os dois caminhos levam ao mesmo resultado: “o inquietante é aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar” (*Ibidem*, p. 331). Esse é o ponto basilar do texto do psicanalista, que revela a relação entre o que é oculto e o que é familiar.

Com isso, Freud começa a examinar pessoas e coisas, impressões, eventos e situações que despertam em nós a sensação do inquietante. Toma como exemplo os autômatos e bonecos de cera como seres inanimados capazes de causar dúvida em um ser animado. Ao discorrer sobre isso, chega na obra de arte, mais especificamente na literatura, quando discorre sobre o conto “O homem da areia”, de E.T.A. Hoffmann, usando como exemplo com o intuito de destacar o personagem “inanimado” que dá nome ao conto, o homem da areia, este que, no texto, passa a perturbar Nathaniel, personagem que se mostra cada mais em delírio devido a essa lenda que era contada para auxiliar as mães a fazerem com que os filhos dormissem mais rápido. Esse medo dele é associado ao seu trauma de infância (a morte do pai), o que o inquieta o aterroriza constantemente, pois a figura da lenda se mostra como uma representação da figura do pai, imagem que ascendia em seu psíquico infantil a ambivalência de sentimentos como amor, ódio, temor. Ao discutir outro texto de Hoffman, “Os elixires do diabo”, é que presenciamos a discussão a respeito do duplo, o que nos ajuda a compreender que o inquietante, ao vir à tona, revela o duplo, que se mostra como efeito dele.

As discussões apresentadas por Freud ajudam a compreender que o inquietante descortina o duplo como uma iminência que é ignorada, latente, pelo sujeito, e quando vem à tona, revela-se numa

intima relação com ele, não é algo distante, alheio, pois dele faz parte. O efeito causado inquieta e o coloca diante de versões de si e em uma emergência em observar e criticar ele mesmo, como Nathaniel que se encontra em um estado psíquico inquietante que lhe causa medo e terror e que se vê obrigado a encarar o que até então estava recalcado. É aí que o duplo emerge, como é o caso da personagem do conto de Silva, mais especificamente quando a menina, a jovem e a senhora, que, conforme a voz enunciativa, pareciam com ela, o que realça ainda mais o seu desdobramento. Desta forma, a relação instaurada entre ela e as outras personagens que são sugeridas como parte de si tem um poder de revelar o que até então lhe era desconhecido. Neste sentido, a ideia de estranho ou inquietante, como propõe Freud, permite-nos dizer que essa personagem encontra-se diante do que é próprio dela, ou seja, os acontecimentos não são alheios, mas sim familiares e que em algum momento foram submetidos à repressão, mas agora vieram à tona e ela precisa encará-los, é aí que há um intercâmbio do eu.

Essa sugestão configura uma possível autoconsciência da narradora-personagem, e isso dialoga com o que destacamos inicialmente ao afirmarmos que estamos diante de uma narrativa memorialística. É como se ela quisesse reconstruir o passado para compreendê-lo, e isso se dá a partir do momento em que o tempo pretérito (recalcado, conforme perspectiva freudiana) aparece para inquietá-la e desdobra-la, uma vez que “o aparecimento do duplo pode estar relacionado com o despertar da autoconsciência do sujeito” (FRANÇA, 2009, p. 8). Vale ressaltar que o duplo já existe a partir do momento em que ela se projeta como personagem no centro dos acontecimentos de uma história já decorrida, isto é, olhar para o passado é colocar-se diante de uma imagem de si que, naquele tempo, diferencia de como está no presente, um desdobramento que confere ao texto a simbólica representação do deslocamento do eu.

Nesse sentido, o espelho decifra o mundo da personagem, uma metonímia que expõe uma ideia do ser interno e externo, o que



explica as contínuas vezes em que ela se olha diante do objeto que permite colocar-se diante do seu próprio eu, buscando, portanto, significados. Nesse passado, o objeto era o caminho pelo qual ela deveria adentrar para conhecer a si mesma; no presente, isso se dá através da narrativa ora construída por ela. Ao discorrermos sobre o desdobramento do ser, Júlio França, em seu texto “O insólito e seu duplo”, afirma que

Embora mantenha com o indivíduo gerador algum grau de identificação, o duplo, ao dele se destacar, desenvolve uma existência mais ou menos autônoma. Apesar de ser uma extensão do sujeito, mesmo quando com ele se identifica positiva e plenamente, o duplo não abandona sua condição de simulacro, de mera sombra, uma vez que não tem valor em si mesmo, mas apenas aquele que seu modelo lhe fornece. Essa parece ser a peculiar condição ontológica do duplo: tem sua origem em um indivíduo, do qual é uma espécie de *mimesis*, mas não possui o mesmo estatuto. Afinal, no momento em que é gerado, já não pode mais ser confundido com o “eu” original; possui uma essência própria e se assume necessariamente como “outro” (FRANÇA, 2009, p. 8).

O recurso do duplo concebe um conjunto de concepções inerentes à identidade da narradora de “Os olhos”, revelando a sua variedade de irregularidades. O duplo clama para si a quebra da unidade, e isso faz com que a percepção do eu desloque-se à medida em que se conhece através da *mimesis* de si mesma, tornando característico o duplo como estranho e ambíguo, o que problematiza o ser à medida em que entra em contato com o outro. Essas questões se entrelaçam e nos fazem voltar ao insólito, pois

A própria relação entre as noções de insólito e de duplo já é, por si só, provocativa; afinal, quando tomamos algo por insólito, estamos implicitamente admitindo que ele se desvia de – ou mesmo se opõe a – um certo grau zero, das coisas que consideramos “sólitas”, e nada mais seria do que um duplo antagônico. Além disso, a dualidade é em si uma

ideia “insólita”, pois se opõe ao princípio lógico da não-contradição ao postular que algo é e não é simultaneamente (*Ibidem*, p. 7).

Percebemos que o insólito configura-se na dualidade não apenas de eventos externos, mas, principalmente às problemáticas internas do eu, em que a realidade psíquica e a realidade ficcional questionam a realidade empírica, aquela em que os padrões são estabelecidos e impostos. O insólito nos auxilia a estranhar as coisas familiares ou tornar familiares as coisas estranhas, que é o caso do texto em estudo que, através da experiência da personagem, direciona-nos para uma sobre questões inerentes a nós mesmos, como a incessante dificuldade em percorrer nosso próprio interior. O duplo manifesta-se, assim, como confronto entre duas facetas de um mesmo ser, este que se vê inquieto e desestabilizado por deparar-se com a outra parte de si, uma vez que isso gera questionamentos acerca da própria identidade, que se mostra fragmentada nesse embate.

Entre tantos que entravam no lugar onde estava o espelho em que a personagem estava presa, muitos anos depois entrou uma senhora idosa (entre 80 e 83 anos), vestida de roupa e sapato de grife, ela “pegou o colar no chão do banheiro e colocou no pescoço. Pôs o relógio no pulso. Pendurou todas as jóias que eu havia deixado do lado de fora do espelho no seu corpo todo enrugado e velho. Fitou-me no espelho, muito séria e balançou a cabeça negativamente” (SILVA, 2008, p. 54). Assim, a narradora-personagem se questionou quem seria aquela senhora e qual motivo ela teria para julgá-la. Vejamos o trecho:

Depois, **surgiu** um caixão fúnebre no canto do recinto. Ela abriu o caixão, deitou-se lentamente, fechou os olhos e dormiu para sempre. Comecei a sentir aquela antiga dor nos olhos, como se estivessem com areia, **eu estava com sono**. Fui fechando os olhos tal como aquela velha senhora. **De repente**, o espelho trincou. Em segundos os cacos



caíram no chão transformando-se em inúmeros pedaços sem utilidade. Senti alguém varrendo os cacos. Abrindo a tampa do caixão e jogando tudo lá dentro. **O caixão fechou-se, ficou tudo escuro. Assim como tudo fica quando você fecha os olhos** (*Ibidem*, p. 54 e 55, grifo nosso).

O extraordinário figura como ponto central dos excertos acima, pois foge totalmente do que consideramos comum, mostrando que o “insólito, bem como demais narrativas não miméticas, apresenta um reflexo do ser humano, mas sempre com seu mundo ao redor” (PIERINI, 2017, p. 28 e 29), o que nos permite dizer que a narrativa memorialística do conto “Os olhos” busca dar forma ao sentimento de deslocamento da voz enunciativa, a qual se encontra em um mundo que precisa redescobrir suas referências.

O último excerto acima revela o auge do insólito e concretiza o elo com o externo do espelho, uma metáfora que descortina os conflitos internos da personagem. Ela e a senhora parecem se encontrar através do fim em comum a ambas, dentro do caixão, este que as une e as torna ocupantes daquele espaço. É interessante notar que a simbologia do caixão representa a morte física, mas não a espiritual. É como se um ciclo estivesse se fechando para que outro seja iniciado. Ambas estão unidas no mesmo lugar, o que representa o encontro com ela mesma, para que haja uma transformação de seus ideias, ou melhor, uma evolução, a qual se dará com o enfrentamento do que é inquietante a ela, só assim o recomeço será iniciado. O objeto que as une representa um caminho desconhecido que precisa ser percorrido.

A fragilidade da personagem traduz-se através do espelho trincado que cai no chão e se transforma em “inúmeros pedaços sem utilidade”, revelando-nos a não compreensão de quem conta, o que nos permite, mais uma vez, enfatizar a narrativa memorialística como espaço de busca por significados, afinal estar quebrada em pequenos pedaços significa estar perdida e confusa em um mundo que se mostra totalmente estrangeiro. O que temos é uma dissonância

da existência da personagem, que está, constantemente, alheia a si própria e, também, ao mundo no qual se encontra. Isso assegura, portanto, nossas afirmativas de que o insólito constitui-se, em “Os olhos”, como uma impressão individual da personagem que quer reconstruir suas referências, como diz Perini, “o que se metamorfoseia não são os seres e as coisas, mas sim a interpretação que fazemos deles” (PIERINI, 2017, p. 17). Assim, concordamos com o autor quando diz: “contamos histórias para dar significado à realidade que nos cerca ou para questioná-la e, em alguns contextos sócio-históricos ou socioculturais, o recurso a elementos não miméticos é mais eficiente para atingir esse fim” (*Ibidem*, p. 21).

O insólito configura-se, segundo García, como “não real-naturalista” –, que prima pela ruptura com a representação coerente, congruente, verossímil da realidade extratextual” (GARCÍA, 2014, p.181). Percebemos que a personagem do texto de Silva (2008) limita-se em sua própria irracionalidade, esta que diz respeito ao que é criado pela imaginação, no imaginário, o fabuloso, aquilo que não existe na realidade. Seu discurso transita entre dois polos: o verossímil e o inverossímil, que revela uma urgente busca por compreensão de si.

Como destacamos no início deste texto, o livro *Mente insana* (2008), de Agnaldo Rodrigues da Silva, descortina elementos que se inscrevem no universo onírico, revelando o fantástico e seu desdobramento. Toda essa relação buscada pelo autor para a construção de seus textos, subtrai o texto “Os olhos” à ação da lei para, assim, transgredi-la, só que não para se distanciar, mas sim para estabelecer diálogo entre realidade e ficção. Assim, o acontecimento sobrenatural intervém para nos sacudir e provocar modificações na forma como olhamos a vida. Vemos, assim, a função social e a função literária do sobrenatural, que rompe a lei, seja na vida social ou na própria narrativa, constituindo sempre uma ruptura no sistema de regras preestabelecidas, nela encontrando justificação.



Considerações finais

Nosso percurso investigativo buscou destacar e discutir algumas características e estratégias presentes no conto “Os olhos”, de Agnaldo Rodrigues da Silva, para que pudéssemos discorrer sobre a forma como elas configuraram o insólito na narrativa, esta que, conforme nossas reflexões, mostrou-se como um constante jogo espelhar resultante do universo fantástico.

Por meio de nossas discussões, podemos afirmar que o insólito não apresenta um conceito único, pois ele se mostra movediço e configurado de acordo com a proposta do texto em que é se manifesta. Isso quer dizer que pensar sobre o insólito ficcional é colocar-se diante de um conceito de difícil definição, que merece ser estudado. Assim, pudemos perceber que seus elementos configuradores no conto escolhido para análise centram na memória, no leitor e no pacto com o leitor, que se mostraram entrelaçados à medida em que a narradora personagem reconstrói os acontecimentos vividos por ela.

O insólito, no texto analisado, não se limita em forçar o leitor a entender e identificar temas que aparentemente são incomuns, pois o autor o materializa na narrativa para colocar em cena questões que nos convidam a refletir sobre problemáticas inerentes ao homem, no caso a incessante inconsistência e fragmentação do ser em uma urgência por se compreender, o que explica a não nomeação da personagem, uma escolha de Silva para conferir ao texto um caráter universal, todos nós recalamos momentos que nos assustam, mas ele nos lembra que eles podem aparecer a qualquer momento. O que faremos? Assim, o insólito se dá em consonância com a personagem em busca disso, uma vez que ela sente necessidade de reconstruir os fatos para entender ela mesma. Para tanto, a narração torna-se o caminho em que ela se ampara para tentar dar forma ao informe, esforçando-se para ser compreendida à medida em que se mostra como uma leitora dos fatos.

Silva, ao construir seu texto, faz-nos atentar ao órgão olho, este que é nosso primeiro aparelho de coordenação do espaço, ou seja, é através dele que percebemos, registramos e organizamos as coisas no mundo exterior. O incômodo provocado por eles revela não apenas uma dor comum, uma a simbologia do olhar que revela uma confusão psíquica da personagem e, principalmente, obrigam-na a se colocar na posição de organização da própria imagem. Os olhos provocam ação.

Por fim, isso desvela uma narrativa e uma personagem construídas no *topos* do duplo, pois o ato de se colocar diante do passado visa dialogar com a *mimesis* de si mesmo. Esse desdobramento, que acontece em uma íntima relação com a constante recorrência do ato de olhar-se no espelho, revela a alteridade de um ser que, assim como na cena final do conto, está dividida em partes, e isso se mostra inquietante, afinal ela está desintegrada. O seu passado nos é apresentado como estranho e revela um ser que, mesmo que seja ela, se mostra como outro, o que explica a ambivalência nela e na própria narrativa, produto buscado por ela para interpretar a si mesma.

Referências

FRANÇA, Júlio. O insólito e seu duplo. In: GARCÍA, Flavio; MOTTA, Marcus Alexandre (Orgs). **O insólito e seu duplo**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

FREUD, Sigmund. O inquietante. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Vol. 14. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

GARCÍA, Flavio. O “insólito” na narrativa ficcional: a questão e os conceitos na teoria dos gêneros literários. In: GARCÍA, Flavio (Org.). **A banalização do insólito: questões de gênero literário – mecanismos de construção narrativa**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007.

GARCÍA, Flavio. A construção do insólito ficcional e sua leitura literária: procedimentos instrucionais da narrativa. In: **I Congresso Nacional de**

Linguagens e Representações: Linguagens e Leituras III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura VII Encontro Local do PROLER UESC – Ilhéus, Bahia: 2009. Disponível em: http://www.uesc.br/eventos/iconlireanais/iconlire_anais/anais-16.pdf Acesso em 25/02/2020.

GARCÍA, Flavio. O insólito na construção da narrativa. In: GARCIA, Flávio; MICHELLI, Regina; PINTO, Marcello de Oliveira. (orgs.). **Poéticas do insólito** – Conferências e palestras do III Painel “Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional: O insólito na literatura e no cinema. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2008.

JOTA, Cátia Cristina Sanzovo. O outro de si mesmo: o fenômeno do duplo na literatura. In: FERREIRA, Cláudia Cristina; MIRANDA, Caio Vitor Marques. (Orgs.) **Dimensões do insólito ficcional:** perspectivas teórico-analíticas sobre formas de narrar. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa.** 2.ed. São Paulo: Ática, 2003.

PIERINI, Fábio Lucas. Do insólito como gênero narrativo. In: FERREIRA, Cláudia Cristina; MIRANDA, Caio Vitor Marques. (Orgs.) **Dimensões do insólito ficcional:** perspectivas teórico-analíticas sobre formas de narrar. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

SILVA, Agnaldo. “Os olhos”. In: SILVA, Agnaldo. **Mente Insana.** Editora Unemat/Arte & Ciência Editora, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura Fantástica.** Tradução de Maria Clara Correa Castello. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. Construção de realidades e percepção do insólito. In: GARCIA, Flávio; MICHELLI, Regina; PINTO, Marcello de Oliveira. (orgs.). **Poéticas do insólito** – Conferências e palestras do III Painel – Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional: O insólito na literatura e no cinema. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2008.

Notas

³ Limitada em relação às informações advindas de uma narração em terceira pessoa.

⁴ Isso rompe com as leis naturais do mundo empírico, mas é totalmente verossímil na tessitura textual.

⁵ Sugerimos a leitura do texto “Do insólito como gênero narrativo”, de Fábio Lucas Pierini (2017), que apresenta um interessante estudo cujo objetivo é discorrer sobre o insólito como um gênero narrativo. Para ele, o insólito se constitui conforme os diferentes contextos sócio-

histórico, e isso é uma força motora que faz com que o autor escolha usar o recurso não mimético para exprimir uma faceta específica de um certo conflito entre sua visão de mundo e a maneira como determinados eventos se manifestam e oposição a ela.

⁶ Implícitamente, esse momento pode ser considerado como ação do olho amaldiçoado, que provocou aquilo para conseguir o objeto desejado.

⁷ Isso nos faz lembrar do mito de Narciso, personagem da narrativa grega que ficou conhecido por representar a vaidade, mas também a relação com o próprio eu. Conforme a narrativa grega, ele era filho de Cefiso e da ninfa Leríope, esta que, diante do nascimento do filho, consultou um adivinho para saber se o filho viveria por muito tempo, uma vez que ele era muito belo. A resposta foi sim, entretanto isso só se concretizaria se ele nunca conhecesse a si próprio. Se isso acontecesse, uma maldição cairia sobre Narciso, causando a sua morte. Quando ficou adulto, os olhares das ninfas e donzelas da região onde vivia caíam sobre ele, todas atraídas pela sua grandiosa beleza, mas sempre andava sozinho, pois julgava que nenhuma moça era digna de seu amor. O mito diz que a ninfa Eco apaixonou-se por ele, mas assim como as outras moças, foi rejeitada, o que a motivou a vingar-se dele. Para isso, clamou ajuda de Nêmesis, a deusa da vingança. Desejou que Narciso se apaixonasse intensamente, mas que nunca conseguisse possuir a sua amada. A maldição foi cumprida, porém ele se apaixonou por ele mesmo, a partir do momento em que se deparou com seu reflexo na água de uma fonte. Ficando completamente apaixonado pela imagem que via, queria possuir aquela imagem; como não conseguiu, acabou morrendo. O desfecho dessa história mítica é aberto, pois há algumas versões: a primeira é que ele tentou agarrar o seu reflexo e isso o fez cair na água e se afogar. Por outro lado, acredita-se que ele se matou justamente por não conseguir ter para si aquela imagem, dentre outras versões. Foi o encanto pela própria imagem que o fez morrer. Conta o mito que após a sua morte ele virou uma flor. Ao longo dos séculos, esse mito vem sendo ressignificado pelo homem, revelando-se um paradigma da própria identidade. Assim, a ideia de reflexo que se dá através do espelho surge para revelar o homem moderno totalmente desdobrado, múltiplo, como é o caso da personagem do conto de Silva (2008).

Recebido em 29/07/2020

Aceito em 14/08/2020